

COMO CITAR:

VALENTE, Juliana Givisiez; ABREU, Paula Alvarez. Análise das Informações sobre o medicamento Metilfenidato (Ritalina®) divulgadas em vídeos do YouTube. *Revista Contexto & Saúde*, v. 21, n. 43, p. 97-115, 2021.

Análise das Informações sobre o Medicamento Metilfenidato (Ritalina®) Divulgadas em Vídeos do YouTube

Juliana Givisiez Valente¹, Paula Alvarez Abreu²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a qualidade, o tipo de informação e o impacto dos vídeos do YouTube sobre o medicamento cloridrato de metilfenidato (Ritalina®), que, apesar de indicado para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), vem sendo usado de forma irracional visando à melhora no desempenho nos estudos. Foram obtidos os 60 vídeos mais relevantes sobre o tema usando a palavra-chave Ritalina, sendo excluídos 2 vídeos por não discutirem questões pertinentes ao uso do medicamento. Os 58 vídeos obtidos foram analisados e as informações divulgadas foram comparadas com aquelas constantes na bula do medicamento e na base de dados Micromedex®, bem como avaliado o tipo de informação divulgada e a presença de profissional de saúde ou de usuários do medicamento nos vídeos. Em 33 vídeos (56,9%) houve a participação de profissionais de saúde que divulgaram informações corretas e desestimularam o consumo indevido da Ritalina. Já 9 vídeos (15,5%) também apresentaram informações corretas, porém não foram divulgadas por profissionais de saúde. Nos demais vídeos com relato de usuários houve exposição de uso para melhorar o desempenho intelectual, atribuindo ao medicamento propriedades não comprovadas cientificamente. Esses números mostraram que a maior parte dos vídeos, totalizando 46 (79,3%), parece não comprometer o uso correto do medicamento, entretanto 12 vídeos (20,7%) incentivaram o uso da Ritalina como estimulante para estudo e, por isso, representam um risco ao uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: transtorno do déficit de atenção com hiperatividade; recursos audiovisuais; metilfenidato; uso de medicamentos.

ANALYSIS OF METHYLPHENIDATE (RITALIN®) INFORMATION RELEASED ON YOUTUBE VIDEOS

ABSTRACT

This work aims to analyze the quality, type of information and the impact of YouTube videos on the medication methylphenidate hydrochloride (Ritalin®) which, despite being indicated for attention deficit hyperactivity disorder (ADHD), has been used irrationally to improve the performance in studies. The 60 most relevant videos on the topic were obtained using the keyword Ritalin, 2 videos were excluded because they did not discuss issues relevant to the use of the drug. The 58 videos obtained were analyzed and the information disclosed was compared with those contained in the product leaflet and in the Micromedex® database, as well as the type of information disclosed and the presence of health professionals or users of the medicine in the videos. In 33 videos (56,9%) there was the participation of health professionals who divulged correct information and discouraged the improper consumption of Ritalin. 9 videos (15,5%) also presented correct information, but were not released by health professionals. In the other videos with user reports, there were reports of use to improve intellectual performance, attributing properties to the medicine that were not scientifically proven. These numbers showed that most of the videos, totaling 46 (79,3%) seem not to compromise the correct use of the medication; however 12 videos (20,7%) encouraged the use of Ritalin as a stimulant for study and, therefore, represent a risk to rational use of medicines.

Keywords: attention deficit disorder with hyperactivity; audiovisual aids; methylphenidate; drug utilization.

RECEBIDO EM: 27/8/2020

MODIFICAÇÕES SOLICITADAS EM: 27/1/2021

ACEITO EM: 10/2/2021

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – *Campus* Macaé. Macaé/RJ, Brasil.

² Autora correspondente. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – *Campus* Macaé. Av. São José do Barreto, 764 – São José do Barreto. Macaé/RJ, Brasil. CEP 27933-378. <http://lattes.cnpq.br/1275935652105959>. <https://orcid.org/0000-0003-2204-3012>. abreu_pa@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O cloridrato de metilfenidato é o princípio ativo do medicamento com nome comercial Ritalina, sendo indicado como parte do tratamento amplo do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o qual também inclui medidas psicológicas, educacionais e sociais (ESHER; COUTINHO, 2017; ANVISA, 2018). O TDAH caracteriza-se por um quadro neurológico que pode afetar crianças, adolescentes e adultos, tendo como principais sintomas a diminuição da capacidade de atenção e concentração, além de impulsividade e hiperatividade (APA, 2013).

A comercialização do metilfenidato iniciou-se no começo da década de 50 do século 20 nos EUA, Alemanha e Suíça, sendo utilizado para casos sem diagnóstico específico, como no tratamento de crianças com problemas de comportamento e idosos com queixas de fadiga e cansaço extremo. Após a identificação pela comunidade médica do TDAH como quadro clínico do sistema nervoso central, a Ritalina tornou-se a primeira escolha no tratamento medicamentoso desta patologia (GUIDELINES, 2009; POLANCZYK *et al.*, 2015).

O metilfenidato é um estimulante leve do sistema nervoso central (SNC). Seu efeito farmacológico é mais acentuado na função mental em relação à função motora. O mecanismo de ação não é totalmente elucidado, mas, presumivelmente, bloqueia a recaptção de norepinefrina e dopamina no neurônio pré-sináptico, aumentando, assim, as concentrações dessas monoaminas no espaço extraneural. Durante o uso deste medicamento é comum observar, como efeitos adversos, os quadros clínicos de insônia, nervosismo, falta de apetite, náuseas, vômitos, tonturas, discinesia, taquicardia e alterações do ritmo cardíaco. Ainda não estão claros os efeitos neuropsiquiátricos no uso em longo prazo, por isso também a importância do uso sob prescrição médica e acompanhamento profissional (BUI *et al.*, 2018; KRINZINGER, 2019; MICROMEDEX, 2018).

Em razão de seu mecanismo de ação similar às anfetaminas, o metilfenidato possui também risco de uso abusivo e potencial de causar dependência (ELST; MAIER; PHILIPSEN, 2016). Desta forma, é classificado como psicotrópico pertencente à lista A3 da Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998, que até o presente momento é o Regulamento Técnico brasileiro que regulariza a venda, guarda e comercialização de substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial (ANVISA, 1998).

Existem diversos relatos do uso abusivo da Ritalina por estudantes que buscam melhores desempenhos nos estudos (AFFONSO *et al.*, 2016; COHEN; SEGEV; IFERGANE, 2015; COLI; SILVA; NAKASU, 2016; JAIN; CHIECH; JOUBERT, 2017; RETIEF; VERSTER, 2016). Os efeitos positivos em pacientes diagnosticados com TDAH, como a melhora na concentração e frequência de estudos, criam uma expectativa de que o uso por qualquer pessoa, mesmo aquelas sem sintomas de TDAH, poderia trazer esses benefícios (JAIN; CHIECH; JOUBERT, 2017). Esse medicamento, no entanto, não possui indicação clínica para aprimoramento da capacidade intelectual em indivíduos saudáveis, e seu uso para esta finalidade pode representar um risco à saúde do paciente.



A ampliação do acesso à internet e o grande volume de informações sobre saúde disponibilizados em diferentes canais de comunicação, alinhados ao aumento do nível educacional da população, vêm trazendo, como consequência, uma busca cada vez maior de orientações sobre cuidados com a saúde na internet, porém existe um viés na qualidade da fonte de informação (LUPTON, 2013). Observa-se, no Brasil, o fenômeno das notícias falsas, popularmente conhecidas como “Fake News”, também em saúde pública, em razão de uma modificação do modelo de confiança nas instituições para outro baseado em dogmas e em experiências pessoais compartilhadas por terceiros, principalmente pelas redes sociais. Desta forma, a experiência tem legitimado a verdade. Alguns casos recentes, como o movimento antivacinação, dimensiona a desarticulação entre o saber científico e o entendimento da comunidade (SACRAMENTO, 2018).

O YouTube é um *site* de compartilhamento de vídeos enviados por usuários por meio da internet, e, apesar de possuir políticas para proteger a comunidade de determinados conteúdos, não há uma análise prévia quanto à veracidade ou relevância das informações divulgadas. O objetivo deste trabalho é analisar se o conteúdo presente em vídeos no YouTube sobre o medicamento cloridrato de metilfenidato (Ritalina) está de acordo com as informações preconizadas na literatura científica, se ocorre incentivo ao uso abusivo ou a algum tipo de indicação do medicamento sem evidência científica, bem como correlacionar com a presença de profissionais de saúde nos vídeos divulgados e com o potencial impacto dos vídeos nos usuários do YouTube pela análise das visualizações e curtidas.



MÉTODO

Os vídeos sobre o medicamento metilfenidato (Ritalina®) publicados em canais do YouTube foram analisados quanto ao tipo de informações divulgadas e se elas estavam ou não de acordo com aquelas presentes na bula do fabricante e na base de dados Micromedex®. A pesquisa foi realizada em 15 de setembro de 2018 usando a palavra-chave Ritalina. Esta palavra foi escolhida, e não o metilfenidato, porque o nome comercial, neste caso, é mais conhecido pela população do que o nome do princípio-ativo e, provavelmente, seria mais usada em uma pesquisa realizada por uma pessoa leiga que buscasse informações. Foram selecionados os 60 primeiros vídeos, usando a opção de busca por relevância, o que corresponde à realização de uma busca até o fim da segunda página de resultados. Esta condição também procurou simular uma situação de busca que, geralmente, é feita por usuários do YouTube. Os critérios de inclusão dos vídeos foram presença obrigatória de informações sobre o uso da Ritalina, o vídeo estar no idioma português e conter algum discurso, e o critério de exclusão foi os vídeos não abordarem diretamente temas relacionados ao uso do medicamento.

Os vídeos foram categorizados de acordo com a presença de profissionais de saúde ou pacientes na divulgação das informações sobre a Ritalina; sendo dividido em três grupos: aquele em que as informações foram apresentadas por pessoas identificadas como profissionais de saúde; aqueles em que houve relatos de experiência de pessoas que se identificaram como usuárias do medicamento; e os vídeos em que a divulgação não foi feita nem por profissional de saúde tampouco por usuário.

Foi avaliado se as informações sobre a farmacologia do medicamento estavam presentes, como posologia, mecanismo de ação, indicações de uso, contraindicações e reações adversas, além da análise sobre a presença de informações relacionadas à medicalização excessiva, importância do acompanhamento médico no uso da Ritalina, se havia o relato dos usuários de efeitos no uso deste medicamento no tratamento de TDAH ou no emprego para melhorar o desempenho nos estudos, se tratavam sobre os riscos do uso abusivo e se continham informações sobre o TDAH.

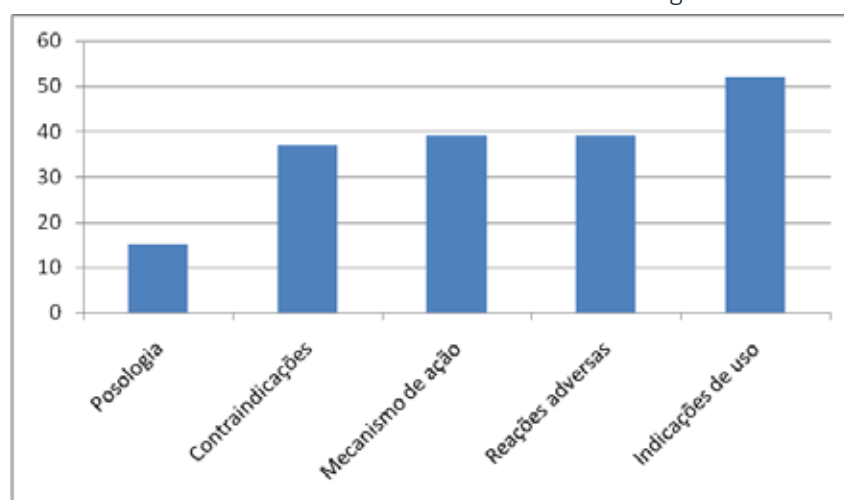
Os vídeos foram categorizados quanto à presença de informação com evidência científica ou sem evidência, e foram comparados, entre estes grupos, o número de visualizações, visualizações por dia, curtidas e não curtidas e também a razão entre curtidas e não curtidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 60 primeiros vídeos foram avaliados usando o critério de relevância na busca no YouTube. Dentre estes, 58 vídeos atenderam aos critérios de inclusão na pesquisa e 2 foram excluídos, um por tratar do desabastecimento da Ritalina em farmácias brasileiras e não do uso do medicamento, e outro por tratar-se de uma música contendo a palavra Ritalina.

Foi feita uma análise dos vídeos quanto à presença de informações sobre a farmacologia do medicamento, sendo observado que a posologia foi tratada em 15 vídeos (25,9%); mecanismo de ação estava presente em 39 vídeos (67,2%); contraindicações em 37 vídeos (63,7%); reações adversas em 39 vídeos (67,2%); e indicações de uso da Ritalina presente em 52 vídeos (89,7%) (Figura 1).

Figura 1 – Análise da presença de informações sobre a farmacologia do medicamento nos 58 vídeos mais relevantes sobre a Ritalina divulgados no YouTube

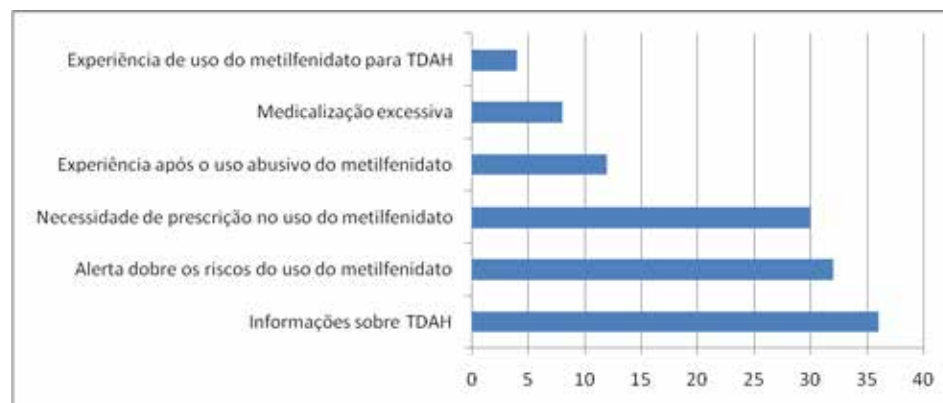


Fonte: Elaborada pelas autoras.

Além disso, foi feita uma avaliação sobre o conteúdo presente nos vídeos mostrando que a medicalização excessiva foi abordada em 8 vídeos (13,8%); a necessidade do acompanhamento médico no tratamento com o metilfenidato

to foi abordada em 30 vídeos (51,7 %); em 4 vídeos (6,9%) foi relatada a experiência dos usuários em relação aos efeitos no uso da Ritalina no tratamento de TDAH; em 12 vídeos (20,7%) foram descritos os efeitos após uso para melhorar o desempenho nos estudos; 32 vídeos (55,2%) alertaram sobre os riscos no uso abusivo; e 36 vídeos (62,1%) trouxeram informações sobre o TDAH (Figura 2).

Figura 2 – Análise do conteúdo dos 58 vídeos mais relevantes sobre a Ritalina divulgados no YouTube



Fonte: Elaborada pelas autoras.



Em 12 vídeos houve relatos de usuários não diagnosticados com TDAH que descreveram utilizar o medicamento para finalidades não aprovadas pelas agências reguladoras; os efeitos após o uso abusivo descritos foram os cognitivos e a influência na concentração e desempenho intelectual (Figura 2). Já os vídeos que relataram a experiência de pacientes que fizeram uso Ritalina para tratamento do TDAH abordaram efeitos deste tratamento quando usados nesta doença. Vídeos que trataram sobre a necessidade de acompanhamento médico para uso deste medicamento trouxeram alertas sobre os riscos da automedicação, orientando o público a não utilizar a Ritalina sem a supervisão do profissional prescritor. A maioria dos vídeos teve caráter informativo e trouxe informações diversas sobre a Ritalina e TDAH, como posologia, contraindicações, indicações de uso e tratamento de TDAH, demonstrando comprometimento com o uso racional de medicamentos.

Os vídeos também foram categorizados conforme as pessoas que divulgaram a informação, sendo avaliado se havia a presença de profissionais de saúde ou se os vídeos se tratavam de relatos de experiência de pessoas identificadas como usuárias do medicamento; ainda, categorizou-se se os vídeos em que as informações foram apresentadas por pessoas não identificadas como profissionais de saúde e nem como usuárias (Tabela 1).

Tabela 1 – Classificação por grupos dos vídeos sobre Ritalina publicados em canais do YouTube

Grupos de vídeos	Total
A Presença de profissionais de saúde na comunicação	33 (56,9%)
B Informações concedidas por pessoas não identificadas como profissionais de saúde	9 (15,5%)
C Relatos de experiência de usuários	16 (27,6%)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Em 33 vídeos (56,9%) houve a participação de profissionais de saúde apresentando todo o conteúdo ou sendo entrevistados por terceiros, e, nestes vídeos, foram divulgadas informações compatíveis com as evidências científicas e em conformidade com a bula do medicamento Ritalina. Em 8 vídeos deste grupo, os profissionais de saúde discutiram a questão da medicalização excessiva, tema mais pertinente ao público-alvo de profissional de saúde, enquanto nos demais (25 vídeos) foi observada a tentativa de divulgar informações corretas para a população e desestimular o uso indevido para melhora do desempenho nos estudos (Tabela 1). As informações constantes na bula são referentes a estudos clínicos que comprovaram a eficácia e a segurança do medicamento e foram utilizados no pedido de registro nas agências reguladoras. O uso de medicamentos para indicações diversas daquelas preconizadas pela literatura científica representa um risco à segurança do paciente (FDA, 2018).

Em nove vídeos (15,5%) houve a divulgação de informações sobre o medicamento metilfenidato por pessoas não identificadas como profissionais de saúde tampouco como usuários do medicamento (Tabela 1). Essas informações foram fornecidas de forma clara e são as mesmas constantes na literatura científica atualizada sobre o medicamento. A linguagem utilizada, com poucos termos técnicos, estava adequada à comunicação com a população sem conhecimentos prévios sobre o tema. Esses vídeos realizam divulgação científica, uma vez que trazem ao público leigo conteúdo técnico-científico sobre a Ritalina com linguagem adequada, fornecendo informações éticas, de qualidade e referenciadas.

Foram encontrados 16 vídeos (27,6%) com relatos de experiência de usuários do metilfenidato (Tabela 1). Em 4 vídeos os pacientes descrevem usar o medicamento sob orientação de médico prescritor para tratamento de TDAH, e relatam o aparecimento de efeitos previstos na bula da Ritalina. Já nos demais 12 vídeos foram observados usuários que assumiram adquirir e usar o medicamento sem orientação médica e também aqueles que, apesar de dizerem usar o medicamento sob orientação médica, identificam o motivo do uso como a necessidade de otimização da qualidade do estudo. Nestes 12 vídeos foram divulgadas informações sobre o uso do medicamento para indicações que não constam na bula, e para as quais não há evidências científicas, e também houve o incentivo do uso do medicamento por meio da valorização dos efeitos positivos na capacidade cerebral. Entre as justificativas para o uso foram descritos: “a alta competitividade do mercado de trabalho que exigiria o aprimoramento na capacidade de aprendizado” e “histórico de mau desempenho escolar”. Há também a utilização de analogias, tais como “o uso da Ritalina para aumento do desempenho intelectual é semelhante à utilização de óculos por um míope”. Em outro vídeo, houve o relato da mãe de um paciente diagnosticado com TDAH que, após duvidar da eficácia do tratamento do seu filho com a Ritalina, decidiu utilizar o medicamento sem prescrição médica para entender melhor os efeitos do medicamento no organismo. Houve relatos, também, de pessoas que se autodiagnosticaram com TDAH baseando-se em sintomas e sem consulta médica, e para tratar por conta própria utilizaram a Ritalina. Ainda foi abordada a facilidade de se comprar o medicamento pela internet sem prescrição médica. No total de 16 vídeos com relato de experiência de usuários (Tabela 1), apenas 4 apresentaram informações



condizentes com a bula, enquanto em 12 vídeos o conteúdo estava divergente da literatura científica.

Entre os 58 vídeos avaliados, 46 (79,3%) promoveram o uso apropriado do metilfenidato, uma vez que divulgaram informações constantes na literatura científica, entretanto 12 vídeos (20,7%) divulgaram informações divergentes daquelas presentes na bula, inclusive estimulando o uso para melhora do desempenho nos estudos, levando ao uso abusivo do medicamento (Tabela 2).

Tabela 2 – Total de visualizações, dias no ar, visualizações por dia, curtidas, não curtidas e razão de curtidas/não curtidas dos vídeos sobre Ritalina contendo informações científicas e aquelas contendo informações erradas ou não comprovadas

Categoria	Informação científica	Informação errada ou não comprovada
Vídeos n (%)	46 (79,3%)	12 (20,7%)
Visualizações	3.564.124	263.484
Dias no ar	36.965	7.344
Visualizações por dia	96,42	35,88
Curtidas	66.710	7.270
Não curtidas	1.904	495
Razão de curtidas/não curtidas	35,04	14,69

Fonte: Elaborada pelas autoras.



Entre os vídeos analisados houve um relato de usuário de Ritalina que declarou ter utilizado o medicamento por um determinado período com o objetivo de otimizar o estudo para aprovação em concurso público, porém o mesmo afirma que não obteve melhora na qualidade do aprendizado. Os efeitos da Ritalina nas funções cognitivas em pacientes sem diagnóstico de TDAH são controversos. Uma revisão de estudos clínicos sobre a ação do medicamento em voluntários saudáveis mostrou que apenas 31% dos estudos sinalizaram melhora no aprendizado e memória (LINSSEN *et al.*, 2014).

Os 46 vídeos que divulgaram informações conforme a literatura científica apresentaram mais visualizações por dia (96,42) comparado aos 12 vídeos com informações divergentes da literatura, que apresentaram 35,88 visualizações por dia até a data desta análise (Tabela 2). Estes dados sugerem que os vídeos com informações corretas podem estar influenciando mais, uma vez que existem mais vídeos e eles foram, também, mais visualizados. Um exemplo de vídeo que pode ter grande influência foi o “Ritalina sem prescrição” do canal do médico Drauzio Varella, que alcançou 438.695 visualizações até a data da coleta de dados.

O YouTube possui um método de avaliação do conteúdo divulgado realizada pelo usuário da plataforma, que consiste nas “curtidas” como avaliação positiva e “não curtidas” como avaliação negativa. A razão entre o valor das avaliações positivas “curtidas”, divididas pelo número de avaliações negativas, foi de 35,04 para vídeos com informações presentes na literatura científica e 14,69 para vídeos com informações divergentes da literatura. Estes dados permitem comparar a preferência dos usuários do YouTube pelos vídeos de um grupo ou de outro (Tabela 2). Apesar de as avaliações negativas no grupo de vídeos contendo informações cientificamente comprovadas terem sido numericamente maiores

do que no grupo com informações sem comprovação científica, isso ocorreu pelo número maior de vídeos neste grupo, que também teve maior número de curtidas. Quando se compara a razão de curtidas e não curtidas, esta foi maior também no primeiro grupo, mostrando que parece ter ocorrido a preferência dos usuários pelos vídeos com informações corretas. Os vídeos com informações corretas apresentaram um alcance muito maior, garantido maior divulgação da informação ética na plataforma YouTube. Acredita-se que o acesso a muitos destes vídeos, produzidos para divulgação de informações corretas e éticas sobre o metilfenidato, seja justamente uma resposta ao uso indevido deste medicamento pela população, reportado na literatura (CASSIDY *et al.*, 2015; NIELSEN; BRUNO; SCHENK, 2017).

A sociedade recebe, atualmente, um enorme volume de informações com diferentes níveis de qualidade, ética e até mesmo comprometimento com a veracidade, muitas vezes provenientes de fontes duvidosas; com isso, a divulgação científica vem ganhando espaço social como ferramenta para levar a informação de qualidade, ética e referenciada sobre ciência à população (MENDONÇA *et al.*, 2010). Estudos mostraram que os principais fatores que levam as pessoas a buscar a internet como fonte de informações sobre a saúde, são a necessidade de buscar apoio e o esclarecimento, e este uso tende a favorecer também a prática da automedicação (RODRIGUES *et al.*, 2016). Por isso, é preciso cautela com informações sobre saúde destinadas ao público em geral divulgadas na internet. A internet tornou-se um espaço em que qualquer pessoa tem a liberdade de produzir e compartilhar conteúdos, inclusive opiniões sobre quaisquer temas, sem necessariamente seguir os princípios do jornalismo de apurar os fatos em diversas fontes e confrontar visões contraditórias. As características do ciberespaço e a rapidez com que a notícia é disseminada, podem facilitar o fenômeno das *Fake News* vivenciado atualmente (MONARI; BERTOLLI-FILHO, 2019; ROCHA *et al.*, 2018).

Muitas *Fake News* em saúde propagam-se porque a população, em geral, não tem muito conhecimento nesta área, mas, ao mesmo tempo, há uma ansiedade sobre estes temas pela promessa de medicamentos, curas e receitas milagrosas para os problemas do cotidiano, o que coloca em risco os usuários destes espaços. Nem sempre, porém, é fácil reconhecer as informações falsas ou incorretas (MONARI; BERTOLLI-FILHO, 2019). Um trabalho que analisou a qualidade de vídeos informativos sobre técnicas inalatórias para asma infantil divulgados no YouTube, demonstrou que apenas 6 entre 492 vídeos analisados estavam compatíveis com as diretrizes para tratamento de asma (FERNANDES; SIQUEIRA; BARBOSA, 2018). A ampla participação de profissionais de saúde, representando 56,9% dos vídeos sobre a Ritalina analisados neste trabalho, alinhada com o conteúdo referenciado na literatura científica em 79,3% do total de vídeos, evidencia a utilização do YouTube como importante meio de divulgação científica.

CONCLUSÕES

O YouTube é considerado uma ferramenta importante atualmente na divulgação da informação, porém, como o conteúdo publicado é criado pelos próprios usuários sem avaliação prévia por especialistas na área, existe sempre um



risco de disseminação de conteúdo incorreto. Apesar de a maioria dos vídeos encontrados sobre o medicamento metilfenidato (Ritalina) conter informações corretas, foram observados, também, vídeos que estimulam o seu uso inapropriado para otimização dos estudos (20,7%) dentre os analisados neste trabalho, e estes tiveram um total de 263.484 visualizações, podendo causar grande impacto e influência na população. Desta forma, é necessário um olhar criterioso sobre o conteúdo relacionado ao metilfenidato, bem como sobre outros medicamentos no YouTube, tendo em vista o risco à saúde que pode representar o uso de medicamentos para indicações sem comprovação científica. Desta forma, é essencial que as pessoas saibam buscar em fontes confiáveis e chequem em caso de dúvidas, observando que, com o amplo compartilhamento de informações nas mídias sociais, é inevitável ter acesso a informações incorretas ou *Fake News* em algum momento. Investimento em educação em saúde e estratégias para letramento científico e digital podem contribuir neste processo para o desenvolvimento do senso crítico em relação às informações disponíveis na internet.

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, L. K.; LIMA, K. S.; OYAMA, Y. M. O.; DEUNER, M. C.; GARCIA, D. R.; BARBOZA, L. L.; FRANÇA, T. C. C. O uso indiscriminado de cloridrato de metilfenidato como estimulante por estudantes da área da saúde da Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB). *Infarma: Ciências Farmacêuticas*, v. 28, n. 3. p. 166-172, 2016.
- APA. American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Fifth edition: DSM-5. Washington: American Psychiatric Association, 2013.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Bulário Anvisa, Bula Ritalina*. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/datavisa/fila_bula/index.asp. Acesso em: 10 nov. 2018.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Portaria N° 344 de 12 de maio de 1998. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html Acesso em: 20 maio 2020.
- BUI, A.; JOSEPH, A.; SAM, D.; LANE, C.; MADIREDDY S.; AFGHANI B. Cardiovascular safety of methylphenidate (Ritalin) in treating paediatric patients with adhd (attention deficit hyperactivity disorder): a literature review. *Journal of Investigative Medicine*. v. 66, n. 1, p. A68-A69, 2018.
- CASSIDY, T. A.; VARUGHESE S.; RUSSO L.; BUDMAN S. H.; EATON T. A.; BUTLER S. F. Nonmedical Use and Diversion of ADHD Stimulants Among U.S. Adults Ages 18-49: A National Internet Survey. *Journal of Attention Disorders*. v. 19, n. 7, p. 630-640, 2015.
- COHEN, Y. G.; SEGEV R. W.; IFERGANE, G. Methylphenidate use among medical students at Ben-Gurion University of the Negev. *J. Neurosci. Rural Pract.* v. 6, n. 3, p. 320-325, 2015.
- COLI, A. C. M.; SILVA, M. P. S.; NAKASU, M. V. P. Uso não prescrito de Metilfenidato entre estudantes de uma Faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais. *Revista Ciência em Saúde*, v. 6, n. 3, p. 1-11, 2016.
- ELST, L. T.; MAIER, S.; PHILIPSEN. A. The effect of methylphenidate intake on brain structure in adults with ADHD in a placebo-controlled randomized trial. *J. Psychiatry Neurosci.*, v. 41, n. 6, p. 422-430, 2016.
- ESHER, A.; COUTINHO, T. Uso racional de medicamentos, pharmaceuticalização e usos do metilfenidato. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 22, n. 8, p. 2.571-2.580, 2017.
- FDA. Us Food and Drug Administration. *"Off-label" and investigational use of marketed drugs, biologics, and medical devices: information sheet*. Disponível em: <http://www.fda.gov/RegulatoryInformation/Guidances/ucm126486.htm>. Acesso em: 23 nov. 2018.



FERNANDES, I. C. F.; SIQUEIRA, K. M.; BARBOSA, M. A. Avaliação de vídeos sobre a técnica inalatória na asma infantil: educativos ou midiáticos? *Rev. Eletr. Enf.*, v. 20, v20a09, p. 1-10, 2018.

GUIDELINES, N. *Attention deficit hyperactivity disorder: diagnosis and management of ADHD in children, young people and adults*. Leicester: The British Psychological Society & The Royal College of Psychiatrists, 2009.

JAIN, R.; CHIECH C. C.; JOUBERT, G. Non-medical use of methylphenidate among medical students of the University of the Free State. *S. Afr. J. Psychiatr.*, v. 23, n. 1.006, p. 1-5, 2017.

KRINZINGER, H.; HALL, C. L.; GROOM, M. J.; ANSARI, M. T.; BANASCHEWSKI, T.; BUITELAAR, J. K.; CARUCCI, S.; COGHILL, D.; DANCKAERTS, M.; DITTMANN, R. W.; FALISSARD B.; GARAS, P.; INGLIS, S. K.; KOVSHOFF, H.; KOCHHAR, P.; MCCARTHY, S.; NAGY, P.; NEUBERT, A.; ROBERTS, S.; SAYAL, K.; SONUGA-BARKE, E.; WONG, I. C. K.; XIA, J.; ZUDDAS, A.; HOLLIS, C.; KONRAD, K.; LIDDLE, E. B. Neurological and psychiatric adverse effects of long-term methylphenidate treatment in ADHD: A map of the current evidence. *Neurosci. Biobehav. Rev.*, v. 107, p. 945-968, 2019.

LINSSEN, A. M. W.; SAMBETH, A.; VUURMAN, E. F. P. M.; RIEDEL, W. J. Cognitive effects of methylphenidate in healthy volunteers: a review of single dose studies. *International Journal of Neuropsychopharmacology*, v. 17, n. 6, p. 961-977, 2014.

LUPTON, D. The digitally engaged patient: self-monitoring and self-care in the digital health era. *Soc. Theory Health*, v. 11, n. 3, p. 256-270, 2013.

MENDONÇA, A. V. M.; SOUSA, M. F.; PAIXÃO, P. B. S.; RODRIGUES, G. F.; ÁLVARES, J. C. Comunicação e informação em saúde: estado da arte de publicações eletrônicas de 2000 a 2009. *Saúde Coletiva*, v. 7, n. 45, p. 288-290, 2010.

MICROMEDEX® 2.0. Disponível em: <http://www-micromedexsolutions-com.ez29.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MONARI, A. C. P.; BERTOLLI FILHO, C. Saúde sem fake news: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de fake news do Ministério da Saúde. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 13, n. 1, p. 160-186, 2019.

NIELSEN, S.; BRUNO, R.; SCHENK, S. Non medical and illicit use of psychoactive drugs. *Current Topics in Behavioral Neurosciences*, Springer, International Publishing, v. 34, 2017.

POLANCZYK, G. V.; SALUM, G. A.; SUGAYA, L. S.; CAYE, A.; ROHDE, L. A. Annual research review: a meta-analysis of the worldwide prevalence of mental disorders in children and adolescents. *J. Child. Psychol. Psychiatry*, v. 56, n. 3, p. 345-365, 2015.

RETIEF, M.; VERSTER, C. Prevalence and correlated of non-medical stimulants and related drug use in a sample of South African undergraduate medical students. *S. Afr. J. Psychiatr.*, v. 22, n. 1, p. 795-801, 2016.

ROCHA, B. A.; LAVARDA, S. L.; SILVEIRA, A. C. M. O avanço das fake news e sua retratação na mídia de referência. In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 19., 2018. Cascavel (PR). *Anais [...]*. Cascavel (PR): Intercom, 2018.

RODRIGUES, A. C. M.; LIMA, G. C.; COELHO, L. O.; SILVA, L. O.; OLIVEIRA, S. A. O.; SENA, M. C.; SUGITA, D. M. A internet como fonte de informação em saúde de pacientes. *Resu – Revista Educação em Saúde*. v. 4, n. 1, p. 45, 2016.

SACRAMENTO, I. Health in a society of truths. *Reciis. Rev. Eletron Comun Inf. Inov. Saúde*, v. 12, n. 1, p. 4-8, 2018.

